

Flagelado ganha roupa nova para visita de FHC

Trabalhadores de frente produtiva vestiam uniformes, algo jamais visto na região da seca

WILSON TOSTA

Enviado especial

MONTEIRO (PB) – Os integrantes da frente produtiva de Vila Santa Maria estavam, na maioria, longe de evocar

os flagelados maltrapilhos usualmente encontrados na seca nordestina. Eles receberam, ontem de manhã, uniformes azuis, bonés e galochas – tudo novo e jamais visto antes nas áreas de combate às consequências da seca. As roupas eram tão limpas que assessores de Fernando Henrique pediram a alguns trabalhadores, que mostrariam ao presidente como fabricam tijolos, para trocá-las por roupas que usam no dia-a-dia, mais simples.

“Tem que votar em quem está ajudando nós (sic!)”, disse Eliseu Sabino da Silva, um dos trabalhadores que constróem uma tubulação de esgoto em Santa Maria. Ele revelou que vota em Fernando Henrique. Pai de 15 filhos, dos quais 7 ainda em sua casa, Sabino viu as oportunidades de renda desaparecerem com a perda da lavoura de milho e feijão de seu sítio de 10 hectares,

ELEIÇÕES



provocada pela seca. “Este ano não teve inverno”, disse ele, que ganha R\$ 80 e uma cesta básica por mês pelo trabalho. Seu colega Sebastião Alves da Silva também vota em Fernando Henrique. “A gente vai ajudar quem deu uma força para a gente.”

Situada no Cariri, uma das áreas mais atingidas pela seca, Vila Santa Maria deu ao presidente exemplos da miséria que assola os moradores. Na casa que visitou, escolhida previamente por assessores, moram um desempregado, duas donas de casa e sete crianças.

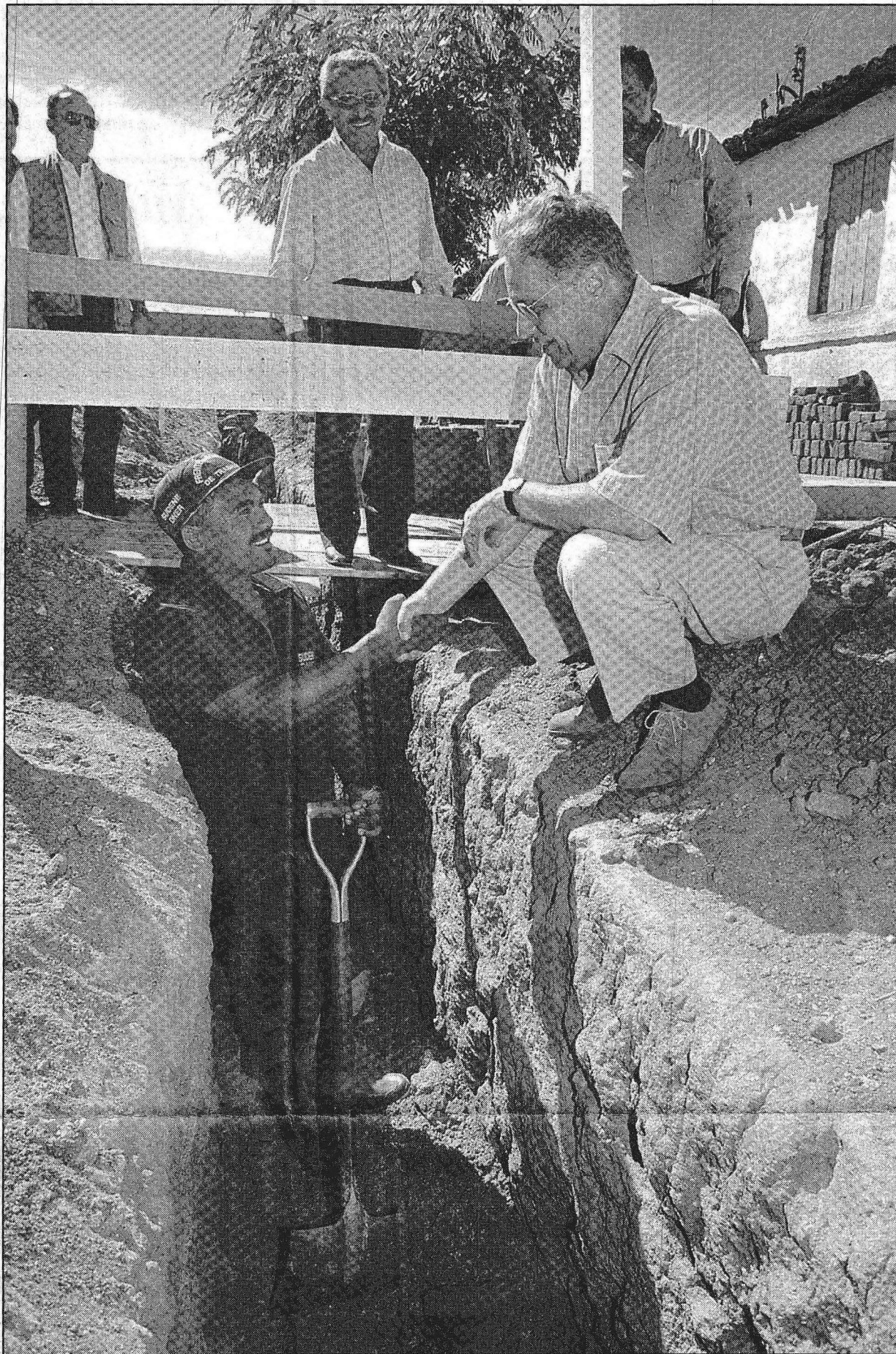
Maria Luciana de Andrade contou que o marido, Reginaldo Vieira, ganha só R\$ 10 por sábado em que consegue trabalho. Nos outros dias, não tem serviço. “Você está mangando (debochando) de eu? (sic!)”, reagiu ela, à pergunta de se comia carne todos os dias. Sua cunhada, Josineide da Silva, que tem três filhos, contou que o marido, Luciano Deodato Lima, viajou há um mês para o Paraná, em busca de emprego. Há 15 dias, ele telefonou e disse que ainda não conseguira trabalho. As duas sorriram ao falar da visita do presidente. “Vamos dizer que está tudo bem; ele não pode fazer nada pela gente.”

Fernando Henrique também conversou com um casal de vizinhos das duas mulheres, Heleno Barros da Silva e Marinete Teixeira da Silva. Ele quis saber se Heleno trabalhava em algo. Ele disse que não, por motivos de saúde. Marinete disse que nenhum dos dois conseguiu ainda a aposentadoria. “A gente tem vontade de se aposentar, mas não chegou a vez.”

O presidente acorcorou-se para conversar com Edson Quintino da Silva, um dos que constróem a tubulação de esgotos, que estava dentro da vala onde trabalha. Silva, timidamente, reclamou do atraso no pagamento do mês passado. Indagado por um repórter se achava justo o pagamento de R\$ 80 pelo trabalho, ele disse: “Nunca é justo, mas é o maior que já houve aqui.”

Após assistir a rápida demonstração de fabricação de tijolos, o presidente conversou com Adriana Galdino da Silva, que está grávida e agradeceu a casa nova. “Eu morava numa casa velha, de taipa.” Depois, ele andou junto do cordão que o isolava da multidão, arrancando gritos. Um grupo de moradores recebeu-o aos gritos de “ah, ah, ah, universidade já”, para pedir a criação de uma na região.

Em Coremas, outra cidade visitada, Fernando Henrique presenciou uma “demonstração” – já que a Lei Eleitoral não permite que participe de inaugurações – da abertura das comportas das Represas de Coremas e Mãe D’Água despejando água no canal adutor que levará água para irrigar três municípios do sertão paraibano.



O presidente cumprimenta Edson Quintino da Silva: operário queixa-se de atraso no pagamento do mês passado

TASSO MARCELO/AE

■ Colaborou Isabel Braga, enviada especial